

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

MARIA ANDREIA DOS SANTOS

DOCUMENTÁRIO

SOB AS ÁGUAS DO (In) CONSCIENTE

VITÓRIA DA CONQUISTA

2015

MARIA ANDREIA DOS SANTOS

SOB AS ÁGUAS DO (In) CONSCIENTE

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia– UESB– Campus Universitário de Vitória da Conquista, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. MSc. Glauber Brito Lacerda

Coorientadora: Prof^a MSc. Aline de Caldas da Costa

VITÓRIA DA CONQUISTA

2015

MARIA ANDREIA DOS SANTOS
DOCUMENTÁRIO SOB AS ÁGUAS DO (In) CONSCIENTE

Vitoria da Conquista, 29/09/2015

Glauber Brito Matos Lacerda
Profº. Ms. UESB- BA
(Orientador)

Aline de Caldas da Costa
Profª. MS. UESB-BA
(Coorientadora)

Filipe Brito Gama
Examinador interno

Tamires Pereira
Examinador externo

DEDICATÓRIA

A Deus, pela direção e por ter concedido todas as formas possíveis para que o trabalho fosse concluído. Aos meus pais, Elizabeth Chaves dos Santos e José Vicente dos Santos pelo apoio, amor e compreensão em todos os momentos. Aos meus filhos Jennifer dos Santos de Souza, Paloma dos Santos Lima e Gabriel dos Santos Lima, por compreenderem a minha necessidade de liberdade e a minha ausência em suas vidas. Aos meus irmãos pelo incentivo e a todos que me acolheram nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui fazer meus sinceros agradecimentos primeiramente ao meu grandioso Deus, que em toda a sua misericórdia foi preparando o meu caminho, sendo meus olhos, minha boca, minhas mãos e meus pés, meu aliado e o principal diretor desse trabalho, me concedendo discernimento perante os obstáculos para que eu fosse apenas um instrumento para a realização do mesmo. Agradeço de coração ao meu orientador Glauber Brito Lacerda e minha coorientadora Aline de Caldas da Costa que mais do que eu dividiram expectativas e acreditaram firmemente no meu trabalho, mesmo chegando um momento que nem eu mesma acreditava.

Agradeço ao Curso de cinema e Audiovisual pela capacitação, como também a cada professor pelo ensinamento, a cada palavra, cada atitude que foram fundamentais para a minha formação e a instituição UESB por me amparar com toda a estrutura teórica e prática no decorrer do curso, potencializando meus conhecimentos mediante a nova profissão.

Agradeço a minha mãezinha amada dona Elizabeth Chaves dos Santos que sem entender direito o significado do meu trabalho ainda assim conhecia profundamente os meus anseios e angustias e ao meu paizinho José Vicente dos Santos que se esmerou com seus esforços para me auxiliar em todos os momentos. Agradeço aos meus filhos amados Francisco Gabriel Santos de Lima, Jennifer dos Santos de Souza e Paloma Santos de Lima que foram meu suporte, minha respiração, durante essa caminhada, não permitindo nunca que eu esmorecesse, estando sempre ao meu lado mesmo distante, dando-me forças pra continuar.

Agradeço carinhosamente a minha irmã maravilhosa Renata Cristina dos Santos, que mesmo com sua dureza e brigas, acreditou que eu poderia estar no caminho certo. Aos meus irmãos Adalto Vicente dos Santos, Paulo Vidente dos Santos, Celso Vicente dos Santos e José Aparecido dos Santos (*in memorian*), por fazerem parte da minha vida, eu não poderia ter uma família melhor e fico feliz e poder fortalecer minhas expectativas perante a vida juntamente com vocês.

Meus agradecimentos especiais ao meu namorado Cledinaldo dos Anjos que se tornou essencial nessa árdua caminhada, que diante de todas as brigas e exigências da minha parte, teve a sabedoria de suportar cada desaforo meu e ao meu querido amigo Délcio Gustavo Zwick, que esteve disposto a qualquer hora do dia e da noite, pra completar essa tarefa. Meu muito obrigada também a professora Dr^a. da UNEMAT Rosane Duarte Seluchinesk que abriu as portas de sua casa e me direcionou enquanto estive em Mato Grosso.

Agradeço imensamente a todos que estiveram envolvidos de alguma forma ou de outra na produção desse documentário, e aos meus amigos de coração, que eu realmente possa ter cumprido com a minha missão.

EPÍGRAFE

Terra
Terra, dizem que do teu pó somos feitos,
E a ele retornaremos.
Terra, dizem que tu és sagrada.
Que tu és divina.
Então, por que tantas propinas cobram sobre ti?
Por que tú és sinônimo de lutas, de morte?
Por que tanta injustiça tu acarretas,
Se somos feitos de ti?
Não, não posso entender!
Se sou o teu filho,
Cadê a parte que cabe a mim?
Cadê a parte do meu irmão?
Terra,
Se tu és a minha mãe,
Por que tiras de mim o direito de amamentar em teu seio?
Por que me tratas com indiferença,
Privilegiando os outros filhos?
Por que sou teu filho esquecido?
Por que privas de mim o direito
de plantar, de colher, de usufruir de
tuas cascatas?
Se somos teus filhos,
Por que muitos retornam para ti como indigentes?
Terra, se tu és sagrada,
Por que causas tantas desilusões?
Terra,
muitos morreram
e muitos morrerão por causa de ti.

Sidney da Silva Chaves/ poeta de Alta Floresta.

RESUMO

O documentário desde os primórdios do cinema, é um importante dispositivo que possibilita o homem de aproximar-se de eventos do cotidiano, sejam eles sociais, culturais ou políticos. E existem várias formas disponíveis para se contar uma história, na qual tem se tornado cada vez mais importante na narrativa documental. Nessa perspectiva esse trabalho tem como objetivo propor uma reflexão teórica sobre os documentários, no contexto de desapropriação e conflitos, a partir da ocupação das Usinas Hidrelétricas no Brasil e seus impactos, além de levantar a questão do impacto ambiental. Permite compreender através do cinema, os conflitos gerados por grandes empreendimentos entre comunidades que vem cada vez mais perdendo seu espaço, seu modo de vida, sua cultura, sua memória, para a instalação de projetos considerados absolutamente necessários para o desenvolvimento de ações governamentais aprovadas em função da globalização. O documentário Sob as águas do (In) consciente filmado no Estado de Mato Grosso e Pará, toma forma com inserção de entrevistas diretas com comunidades indígenas e assentados, onde primeiramente se fez uma pré-filmagem para conhecimento do local e das pessoas que ali vivem. Conseqüentemente as entrevistas resultaram na indignação dos entrevistados mediante os fatores de modificações causados pelos impactos advindos da ocupação pelas hidrelétricas, além da perda de suas memórias, seus antepassados, e como isso tem afetado sua forma de subsistência. Trazendo com isso uma discussão teórica com base nas experiências entre leitura e a produção realizada, conclui-se que é fundamental conhecer o meio onde se produzirá o documentário etnográfico, os conflitos caracterizados pelo descaso com o território do outro, para que se trace uma linha de pensamento na lógica da narrativa.

Palavras- chave: Conflitos; Desapropriação; Memória, Globalização; Pertencimento.

ABSTRACT

The documentary film from the beginning, is an important device that allows the man to approach everyday events, whether social, cultural or political. And there are several ways available to tell a story, which has become increasingly important in the documentary narrative. From this perspective this paper aims to propose a theoretical reflection on documentaries, in the context of expropriation and conflicts, from the occupation of the hydroelectric plants in Brazil and its impacts, as well as raise the issue of environmental impact. Allows understanding through cinema, conflicts generated by large enterprises between communities that is increasingly losing their space, their way of life, their culture, their memory for the installation of projects considered absolutely necessary for the development of government actions approved in function of globalization. The documentary Under waters of the (In) conscious filmed in the state of Mato Grosso and Pará, takes shape with insertion of direct interviews with indigenous communities and settlers, where he first became a pre-shooting for local knowledge and the people who live there . Consequently the interviews resulted in the outrage of those surveyed by the changes caused by factors arising impacts of occupation by hydropower, and the loss of their memories, their ancestors, and how it has affected their livelihood. Bringing with it a theoretical discussion based on the experiences of reading and production carried out, it is concluded that it is essential to know the environment where it will produce the ethnographic documentary, conflicts characterized by disregard for the territory of the other, in order to draw a line of thought in the narrative logic.

Key words: Conflict; Expropriation; Memory, Globalization; Belonging.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Vista aérea do rio Teles Pires

Figura 2- Vista aérea do rio Teles Pires

Figura 3- Vista aérea UHE Teles Pires

Figura 4- Vista aérea UHE Teles Pires

Figura 5- Vista aérea UHE Teles Pires

Figura 6- Entrevista na aldeia São Benedito

Figura 7- Entrevista com Vitorino Munduruku na aldeia Coelho

Figura 8- Nascer do sol na aldeia Dinossauro

Figura 9- Nascer do sol na aldeia Dinossauro

Figura 10- Rio Teles Pires

Figura 11- Coleta de assinaturas para termo de autorização de imagem

Figura 12- Coleta de assinaturas para termo de autorização de imagem

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1 A ESCOLHA PELO DOCUMENTÁRIO | 15 |
| 1.1 O que é documentário?..... | 15 |
| 1.2 Por que documentário?..... | 16 |
| 1.3 Da pesquisa ao documentário Etnográfico | 19 |
| 1.3 Por que o título “Sob as águas do (In)consciente”?..... | 22 |
| 2 A GLOBALIZAÇÃO E A QUESTÃO SOCIAL | 24 |
| 2.1 A memória como primazia de uma sociedade..... | 26 |
| 2.2 O rio Teles Pires e o ator social | 29 |
| 2.3 O conflito e a desapropriação..... | 33 |
| 2.4 A devastação ambiental e a modernidade..... | 34 |
| 3 PRODUZINDO O DOCUMENTÁRIO | 40 |
| 3.1 Processo da pré-produção..... | 40 |
| 3.2 Produção | 43 |
| .2.1 Entrevistas | 45 |
| 3.3 Montagem | 49 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 53 |

REFERÊNCIAS

FILMOGRAFIA

INTRODUÇÃO

O projeto que se apresenta foi pensado como forma de documentário na intenção de narrar o conflito entre comunidades indígenas, governo e iniciativa privada, gerado pela construção das Usinas Hidrelétricas Teles Pires na região norte do estado de Mato Grosso, na divisa com o Pará. O intuito da proposta é abordar as causas e efeitos da desocupação dos assentados e indígenas mediante o impacto que será causado à floresta e imediações, no qual terão que ser deslocados devido à inundação de suas áreas de habitação.

Um dos pontos apresentados é a relação dos atores sociais a partir da atual preocupação em torno da desapropriação e da subtração de seus costumes e locais, ao que se refere o não pertencimento a outros lugares, que lhe são ofertados para um novo recomeço, já que terão de se retirar das imediações da usina. No livro de Milton Santos *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal (2001)*, ele aborda a questão da globalização como o monstro que “traga” de forma cruel a tentativa dos menos favorecidos em lutar pelos seus direitos, enquanto que as grandes empresas, o governo e a iniciativa privada estabelecem suas regras mediante o território escolhido para dar sustento a grandes empreendimentos. Santos aborda também a questão da territorialização como primazia do pertencimento humano, e como o fato de ser usurpado nessa questão nos afeta em termos culturais e emocionais.

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi (SANTOS, 2001, p. 96).

Com o documentário me aproximo da forma dos diferentes pontos de vista dessas comunidades envolvidas com a chegada das hidrelétricas e o que isso pode instituir em certas regiões, o impacto das perdas e danos ao mesmo

tempo em que se instaura uma convenção de formas de adição de novas tecnologias para que a sociedade disfrute de conforto e progresso contínuo. Santos define a questão da globalização como fonte de renovação estereotipada, trabalhada com o poder do convencimento de que aquelas soluções sejam a melhor forma de se instaurar o progresso adequado ao território ocupado, gerando grandes benefícios, nunca malefícios.

Quando o sistema político formado pelos governos e pelas empresas utiliza os sistemas técnicos contemporâneos e seu imaginário para produzir a atual globalização, aponta-nos para formas de relações econômicas implacáveis, que não aceitam discussão e exigem obediência imediata, sem a qual os atores são expulsos da cena ou permanecem escravos de uma lógica indispensável ao funcionamento do sistema como um todo. (SANTOS, 2001, p. 45).

Outro item a ser tratado é a forma como estão sendo implantados os projetos de compensação da usina e o que os indígenas pensam sobre toda essa movimentação. Através dessas imagens mostrarei essa caracterização e esta mudança tão abrupta que se dá com a floresta e com o rio que é o principal personagem do documentário.

Até então, o que se tem visto são dados coletados com expectativas de um futuro promissor, tanto para quem vive nessa área, (os não indígenas) quanto para as cidades das redondezas, enquanto que, os indígenas considerados talvez invisíveis nessa história, são os que mais sofrem com a faraônica obra no seio da floresta e no leito do rio considerado por eles o elemento mais importante de toda a sua cultura.

A proposta será apresentar o projeto como uma produção documental etnográfica, levando em consideração tudo o que aprendi no decorrer do curso relacionado à questão do audiovisual como também a importância do cinema como agente transformador instaurado no meio social. O trabalho é apresentado na forma de documentário a partir da inserção de entrevistas e fotografias, depoimentos de moradores e indígenas da região de Paranaíta (MT) e Jacareacanga (PA), cercada por um lado pelo rio Teles Pires e de outro

pela floresta amazônica. Um dos desafios do trabalho é mostrar através de registros de imagens a área que está sendo desocupada e inundada, como também parte do rio denominada Cachoeira Sete Quedas, que era considerada pelos indígenas um lugar sagrado para culto de seus antepassados, o qual foi perdido para sempre.

1 A ESCOLHA PELO DOCUMENTÁRIO

1.1 O que é o documentário?

O documentário é um dispositivo fílmico que possibilita o cineasta aproximar o espectador da realidade em que vivemos por meio de narrativas composta por imagens-câmera. De acordo com Fernão Pessoa Ramos, os enunciados utilizados pelas imagens-câmera possuem um estatuto completamente diferente (singular, portanto) dos enunciados assertivos feitos através de linguagem escrita, oral, ou daqueles que são acompanhados por representação pictórica (RAMOS, 2013, p.77).

Essa aproximação nos permite ter uma visão do que acontece a nossa volta ao nos colocarmos diante da tela mediando o olhar do outro com o mundo. A participação dos atores sociais gera um princípio reflexivo entre esse paralelismo, ator e espectador no decorrer da evolução do projeto a partir desse dispositivo.

O documentário nasceu com o advento do cinema que teve início no século XIX, em 1895, na França, com a criação do Cinematógrafo, aparelho idealizado pelos irmãos Louis e Auguste Lumière. Antes disso, em 1894, Thomas Edison havia criado o quinetoscópio, porém, o cinematógrafo ganhou destaque por ser uma câmera leve e portátil e que era ao mesmo tempo câmera, copiador e projetor, podendo assim ser carregada a qualquer lugar, fazendo com que os irmãos Lumière pudessem exibir seus filmes em diversos países. As exposições eram feitas em intervalos musicais e circenses em salões e teatros de variedades (DA-RIN, 2004).

Com essas experiências cada vez mais acirradas, foi possível se chegar ao primeiro aparelho utilizado na produção de imagens em movimento, o Cinetoscópio, criação de Thomas A. Edison, no qual consistia em um filme perfurado, projetado em uma tela no interior de uma máquina, na qual só cabia uma pessoa em cada apresentação, sendo preciso uma lente de aumento para que se pudesse ver a projeção (DA-RIN, 2004).

Em 1890, Thomas Edison projeta diversos filmes de seu estúdio denominado "Black Maria", com o aperfeiçoamento do Cinetoscópio filmado em fundo preto. O cinematógrafo foi considerado o primeiro aparelho realmente qualificado para o cinema, porém, o formato criado por Edison em 1893 é

utilizado até hoje como padrão da indústria cinematográfica, que é a bitola 35mm com quatro perfurações em cada lado do fotograma. A partir de tudo isso, os irmãos Lumière começaram a registrar seus primeiros filmes, registrando pessoas com gestos simples em situações familiares e ambientes naturais, surgindo com isso o primeiro documentário em curta-metragem da história do cinema, com o título: Empregados deixando a fábrica Lumière com um tempo de duração de 45 segundos (DA-RIN, 2004).

O documentário surgiu como forma de experimentar através de imagens do cotidiano, os aspectos da realidade da sociedade e dos indivíduos que nela vivem, com um olhar mais aprofundado para a importância do documentário clássico da década de 20 à 50, onde podemos citar, a partir do estudo de Da-Rin (2004), documentaristas como John Grierson, que tinha como fundamento de seus trabalhos, fazer propaganda do estado britânico e educar o povo para o exercício da democracia e Roberty Flahert, que exercia um conceito mais etnográfico do cinema documentário, de maneira mais representativa, onde boa parte das filmagens eram encenadas. Grierson porém, acreditava ser fundamental o conhecimento prévio da locação e da intimidade necessária para que se pudesse contar uma história.

Da-Rin fala sobre os anseios de Grierson, após ficar impressionado com os filmes épicos sobre a conquista do oeste e a formação da nação nos Estados Unidos e a partir desse momento se convenceu de que os métodos educacionais tradicionais eram insuficientes para enfrentar os desafios colocados pela sociedade de massa emergente. Sabendo que os filmes americanos já dominavam 95% do mercado naquela época, Grierson compreendeu, que a natureza educativa de seu projeto teria melhor receptividade no âmbito governamental do que no âmbito do cinema comercial (DA-RIN, 2004, p.56).

1.2 Por que documentário?

A escolha pelo documentário se deu a partir da necessidade de mostrar as discussões e os relatos de pessoas inseridas nas comunidades que estavam prestes a serem inundadas pelas águas devido à construção de hidrelétricas no meio onde vivem. Mesmo sabendo que já havia outros

documentários que abordam o mesmo tema, resolvi fazer uma exploração de mão única, consistindo nas entrevistas das pessoas afetadas e conhecedoras desse rio, deixando a usina em segundo plano, utilizando fotografias e narrativas off para evidenciar a presença desses atores sociais nesse meio, onde é considerada indesejada pelos que se posicionam a favor da usina, do “progresso”.

Ao abordar o tema no formato de documentário, posso consequentemente dar voz a essas pessoas, contando suas histórias de modo que possam ser ouvidas por um público amplo, diverso. A “estrutura documental” me permite elaborar de maneira mais exata a realidade em que vivem essas comunidades, além de permitir que o seu entorno também seja visto.

O documentário me possibilita um olhar mais parcial ou imparcial da história, pois posso me inserir no meio em que os atores sociais estão incluídos. A chance do envolvimento entre comunidades que antes não conhecia é maior e isso acaba possibilitando um contato que antes julgava improvável.

O documentário permite a aproximação do espectador aos acontecimentos que de certa forma estão afastados, dando mais visibilidade à comunidades esquecidas, ou nunca vistas, além de suas necessidades e meio social, concentradas na identidade cultural que envolvem essas comunidades, embora nem sempre essa relação seja coerente com as questões que permeiam os assuntos locais. Verificamos na fala de Nichols o termo construção da nacionalidade, que de acordo com suas palavras definem tão bem essa questão:

A construção de identidades nacionais envolve a construção de um senso de comunidade. A “comunidade” evoca sentimentos de interesse comum e respeito mútuo, de relações recíprocas mais próximas de laços familiares do que de obrigações contratuais. Valores e crenças compartilhados são vitais para o senso de comunidade, ao passo que relações contratuais podem ser cumpridas a despeito das diferenças de valores e crenças. O senso de comunidade muitas vezes se parece com

uma característica “orgânica”, que une as pessoas quando elas compartilham uma tradição, uma cultura ou um objetivo comum. Como tal, pode parecer muito distante das questões de ideologia, em que crenças rivais lutam para ganhar nossos corações e nossas mentes (NICHOLS, 2012, p.181).

Na busca dessa construção de identidade nacional, o documentarista procura integrar a junção entre cinema e realidade, para que com isso possa reportar a uma outra dimensão, a identidade pertencente à cultura de determinada comunidade, imbuída de interesses externos, que são escolhidos como objetos de estudo e logo evidenciados.

Por mais que esses acontecimentos soem talvez de maneira despercebida, o documentário me possibilita encontrar algumas formas de mudanças, nas quais posso estar me apoiando para que cada problema seja visto e, com isso, talvez encontrar soluções que possam melhorar as condições de determinado problema.

É por meio do documentário que consigo sensibilizar e mobilizar as pessoas para transformar o meio social e a realidade. Essa conexão acaba se tornando importante pelo fato dele me condicionar a uma aproximação mais veloz por meio dos dispositivos midiáticos.

A ética no documentário é uma questão de reflexão do profissional. Até que ponto posso levar a imagem do personagem real, quando esse não está livre de uma série de ataques que não me permitirá protegê-lo?

O documentarista precisa levar em consideração que a vida dessas pessoas continuam com a finalização do trabalho e que eventuais exposições podem acarretar grandes traumas na vida das mesmas, e cabe a ele compreender a linha tênue entre realidade e a representação dessa realidade. Segundo Bill Nichols “Os cineastas que têm a intenção de representar pessoas que não conhecem, mas que tipificam ou detêm um conhecimento especial de um problema ou assunto de interesse, corre o risco de explorá-las” (NICHOLS, 2012, p.36). No entanto, a não intervenção também interfere nos comportamentos e acontecimentos do objeto documentado.

A partir dos enunciados que se vêem projetados, a visão de mundo do ator social transmitirá seus valores e seu ponto de vista mediante os problemas

que conduzem sua realidade, essa relação tem continuidade sob o olhar do outro, ou seja, o espectador é o olhar que julgará ou não a exposição desse indivíduo e o tema filmado, e o realizador se torna responsável por essa mediação.

Neste trabalho me senti extremamente confusa em relação a essa questão, pois a aura que envolve esse tema me deixou inquieta desde o momento que ouvi alguns alertas em demasia sobre os riscos que eu estaria correndo, tanto na questão de morte quanto na questão de processos, e com tons altamente preocupantes, mas resolvi seguir em frente e diante disso, formulei somente três perguntas questionadoras, sem necessidade de confronto ou indagações, isto é, sem forçar o sujeito entrevistado, com perguntas que o pudessem comprometer mais do que o esperado.

Como cita Claudine de France no livro *Do filme etnográfico à antropologia fílmica*, “O pesquisador pode ser levado a uma exploração sem fim, uma vez que cada o questionamento, cada diálogo, suscita eventualmente outras gravações, abrindo novas vias de investigação, o então retardando a verificação de algumas hipóteses (FRANCE, 2000, p. 28)”.

Então nesse caso, apenas ouvi a necessidade deles de colocar para fora suas indignações de modo reflexivo. Como o tema é recorrente e devido a limitações financeiras, já descrito aqui, a forma mais viável foi ouvir o lado menos favorecido por essas instalações, por maior facilidade de contato, embora quase impossível, então de acordo com Nichols:

As questões éticas surge frequentemente quando se trata da pergunta “no documentário, como devemos tratar as pessoas que filmamos?”, em razão do grau de separação entre o cineasta e as pessoas que ele filma. Os cineastas, principalmente os jornalísticos, pertencem a organizações e instituições com seus próprios padrões e costumes. Mesmo os cineastas independentes geralmente se veem como artistas profissionais, que seguem uma carreira mais do que se dedicam a representar os interesses de um grupo ou de uma clientela especial. O conflito é inevitável nessas condições. Desenvolver respeito ético passa a ser parte fundamental da

formação profissional do documentarista (NICHOLS, 2012, p. 40).

Por isso há de se ter esse cuidado, mediante as consequências que determinados assuntos podem gerar. Não se faz um documentário pensando apenas na urgência de externar os problemas, e sim para que a função de documentar torne possível levar adiante questões que poderão de certa forma, além de ser problematizados, também criar meios que possam ajudar a encontrar soluções que tragam outros significados àquele objeto de estudo.

1.3 Da pesquisa ao documentário etnográfico

O estudo etnográfico é um campo da antropologia que nos permite estudar, por meio de coletas de dados in loco, o modo de vida de um grupo social e seu conjunto comportamental e France estabelece que as produções audiovisuais, tem em comum o fato de tomarem como ponto de partida a observação do real, mesmo que, às vezes, essa observação seja algo provocada e que a maneira como o real é apresentado possa, de vez em quando, buscar inspiração em alguns procedimentos próprios ao filme de ficção (FRANCE, 2000, p. 17).

Sob as águas do (In) consciente, é um documentário de cunho etnográfico, que narra o conflito de indígenas face a construção da usina hidrelétrica Teles Pires-MT. O filme atende à necessidade de expor os problemas dessas comunidades mediante os impactos que as usinas vêm causando ao desestruturar o meio onde vivem e também a forma como eles veem suas causas sendo resolvidas pelos próprios investidores e o poder público. A intenção é investigar as interconexões que giram em torno desse megaempreendimento, tais como problemas sociais, culturais, econômicos e políticos, seus projetos de compensação. Através dessas elucidações, partiremos para o processo de filmagem juntamente com a estrutura humana.

Não serão entrevistadas pessoas ligadas necessariamente à usina, pois não é essa a proposta. A importância nesse caso é ouvir as pessoas que já

tem uma afinidade peculiar com o rio, pessoas que geraram um sentimento particular devido à sua relação com este personagem tão pragmático. Para que esse documentário fluísse melhor, foi necessário iniciar a pesquisa baseada na formação da opinião de pessoas que já tiveram um relacionamento direto com o rio seguido logo após por moradores das comunidades indígenas que mantêm essa relação de forma mais integral, ou seja, o rio está incluso em todos os aspectos de suas vidas.

No caso do filme etnográfico aqui apresentado, a melhor maneira de compreender as manifestações culturais em que concernem as reivindicações desses grupos mediante o processo de retirada de seu território com a construção das hidrelétricas é dando voz a elas, para que manifestem seus desejos e anseios.

Em 2014, surgiu a ideia de fazer um documentário a partir do conhecimento sobre a construção de seis usinas no curso do rio Teles Pires através da minha irmã que tem formação em biologia e em seguida me informou que havia uma professora da Universidade Estadual do Mato Grosso-Campus Alta Floresta, que desenvolvia projetos com colonos, indígenas e ribeirinhos da Amazônia Mato-Grossense e se incomodava com os impactos causados pela usina e a interferência que esta causava nessas comunidades. Independente das dificuldades de logística, acabei encarando o desafio e isso foi se intensificando, então me vi às margens do que seria interessante problematizar. Foi aí que resolvi assumir os riscos de documentar a história da luta do povo Kayabi, Munduruku e Apiacá em relação a luta pela não construção dessas usinas.

Pretende-se construir ao longo de todo o curso do rio Teles Pires, seis futuras hidrelétricas. O modo de vida dessas etnias será impactado enormemente, já que é do rio que vem o alimento e todo campo simbólico que marca o cotidiano local, por isso o rio é considerado tão importante para a sua cultura e para a região, e eles sabem os danos que podem acarretar tudo isso futuramente.

Assim, a antropologia fílmica dedica-se, às vezes a acontecimentos, ações não mostráveis, que se desdobram no eixo do tempo e que somente a palavra ou a reconstituição

histórica podem evocar. Histórias de vida, testemunhos individuais ou coletivos sobre acontecimentos de um passado inacessível à imagem direta, que representam fragmentos da unidade de um grupo humano cujo esquecimento é, assim, evitado. Memória viva, a antropologia fílmica toma aqui o lugar da tradição oral, ao assegurar uma transmissão dos valores e dos fatos que, sem ela, desapareceriam com o desaparecimento das últimas testemunhas (FRANCE, 2000, p.22).

O início da pesquisa foi relevante, embora complicado devido a distancia, ainda assim, passava nas bordas da questão indígena, mediante essa distancia, houve um pouco de resistência, não por falta de interesse, mas pela própria delimitação do objeto de pesquisa. Mas ainda assim, tomei para a minha pesquisa de conclusão de curso a questão da desapropriação de território indígena, implicando no fim de uma paisagem cultural e natural, pela criação da usina Teles Pires, naquela região, norte de Mato Grosso, divisa com Pará, onde vivem as comunidades indígenas Kayabi, Munduruku e Apiaká.

Logo no início da pesquisa descobri que na área territorial das margens do rio Teles Pires vivem cerca de 600 pessoas os quais deverão ser deslocados por consequência da instalação da usina hidrelétrica na região, fora áreas adjacentes. A princípio, estudos feitos pela usina- apontam que não haverá necessidade de evasão de algumas comunidades, mas o aumento volumétrico de água na região ocorrerá sem grandes alterações.

Há muito tempo, os Kayabis vivem nas margens do rio Teles Pires, onde estabeleceram suas origens e a de todo o seu povo. Vivem da caça, da pesca e da plantação de mandioca. A aldeia está localizada às margens do rio e a comunidade depende desse rio, desde banho, água para beber, pesca e tudo o que provém dele e para que continue a ser assim, é preciso ter consciência de que a partir do momento em que se deu início a essas hidrelétricas a transformação é, com certeza, inerente. E o documentário investiga a percepção de pessoas dessas comunidades indígenas, os trabalhadores rurais, qual o benefício e o malefício advindo dessas construções, que problemas foram gerados a partir disso e o que fortaleceu economicamente na região.

A intenção do documentário etnográfico que resulta dessa pesquisa é levar o espectador a ser um observador que mediante o ato de olhar, se posiciona através do espelho do outro, ou seja, o espectador compreende o observado e assim o descreve e problematiza suas questões. Como define France “O observado filmado é, assim, dotado de uma existência autônoma que lhe permite ser indefinidamente examinado por si mesmo. Nesse sentido, justifica-se absolutamente sustentar que a antropologia fílmica tem por objeto a imagem do homem tanto quanto o homem” (FRANCE, 2000, p. 19). Cada um de nós tem maneiras diferentes de nos posicionarmos perante eventuais situações e isso nos possibilita entender o lugar o qual o outro pertence.

A partir dessas fontes de pesquisa teórica e de alguns documentários assistidos, pude finalmente criar meios para construir a narrativa com relação aos acontecimentos, com perguntas semi-abertas, onde pudesse fundir a urgência dos fatos com a necessidade daquela gente, mas que se potencializasse com a estética da montagem, utilizando alguns dispositivos como fotografias e imagens de inserts, dando maior ênfase a imagem do entrevistado e sua fala, de forma que essa narrativa tivesse características clássica simplificada, num ritmo suave e com tempo limite de no máximo trinta minutos.

1.4 Por que o título “Sob as águas do inconsciente”?

A escolha do título surgiu ao ler um artigo sobre a questão das hidrelétricas. Entendi que a tal “supressão vegetal”, o desmatamento, quando não é completamente concluído, leva então ao “afogamento” da mata ciliar, o que resulta na decomposição dessas árvores submersas, liberando o gás metano, causador de efeitos nocivos na atmosfera. Nesse processo o oxigênio é sequestrado pelo carbono na formação de óxidos de carbono, formando gás carbônico (Co₂) e o metano, favorecendo assim o surgimento de seres anaeróbicos na parte profunda do lago. Esses seres anaeróbicos são bactérias que não precisam de oxigênio pra sobreviver e produzem o metano, que é um gás altamente inflamável e que tem um grande potencial de efeito estufa.

A metáfora do título com o inconsciente é devido ao fato de que as pessoas afetadas pela instalação dessas usinas acabaram sendo reféns dos seus impactos, onde serão inundadas não somente suas terras, mas suas memórias, seus símbolos culturais e oníricos, sua dignidade em defesa de um progresso que para eles continuará distante. Além disso, há o fato de pessoas também ligadas direta ou indiretamente à usina que sabem de algum modo dos possíveis estragos, tomando partido a favor da construção da usina ou se beneficiando dela, enquanto que, os que sobrevivem às margens do rio e tem sua subsistência dependente dele, são meramente colocados numa posição em que são forçados a aceitar as modificações. Nesse meandro toda a estrutura local é inundada, tanto na questão física quanto na questão emocional, e como toda a mata que não teve sua supressão concluída continuará se afogando sob as águas do inconsciente de outros, que fatalmente se cobrem com o manto do progresso.

2 A GLOBALIZAÇÃO E A QUESTÃO SOCIAL

Com o avanço da tecnologia, a realidade social sofreu grandes transformações e ganhou novos significados. Milton Santos fala da consolidação da política interna com o capital estrangeiro e como é determinante para o avanço de uma construção empírica da globalização pragmática, transportando máquinas para lugares até então inacessíveis, estabelecendo regras sustentadas pelo novo paradigma.

Os papéis dominantes, legitimados pela ideologia e pela prática da competitividade, são a mentira como o nome de segredo da marca; o engodo, com o nome de marketing; a dissimulação e o cinismo, com os nomes de tática e estratégia. É uma situação na qual se produz a glorificação da esperteza, negando a sinceridade, e a glorificação da avareza, negando a generosidade. Desse modo, o caminho fica aberto ao abandono das solidariedades e ao fim da ética, mas, também, da política (SANTOS, 2001, p.61).

E através disso, cria-se a ilusão de que as regiões beneficiadas com a implantação de mega-projetos, terão retornos significativos quanto ao desenvolvimento acelerado e capital genuíno. Na verdade essa necessidade mascarada de ilusão é apenas momentânea, e no caso das hidrelétricas, se torna mais denso, pois quando concluído esse processo, apenas ficarão o funcionamento das mesmas, e a geração de empregos se acaba.

Quando uma grande empresa se instala, chega com suas normas, quase todas extremamente rígidas. Como essas normas rígidas são associadas ao uso considerado adequado das técnicas correspondentes, o mundo das normas se adensa porque as técnicas em si mesmas também são normas. Pelo fato de que as técnicas atuais são solidárias, quando uma se impõe cria-se a necessidade de trazer outras, sem as quais aquela não funciona bem (SANTOS, 2001, p. 68).

Mas é necessário uma reparação para que esse desenvolvimento não caminhe para proporções maiores do que já é habituado, embora saibamos a que dimensões chega essa esfera política de desenvolvimento quando a cultura do dinheiro está acima dessas reparações.

É assim que também se alteram as relações sociais dentro de cada comunidade. Muda a estrutura do emprego, assim como as outras relações econômicas, sociais, culturais e morais dentro de cada lugar, afetando igualmente o orçamento público, tanto na rubrica da receita como no capítulo da despesa. Um pequeno número de grandes empresas que se instala acarreta para a sociedade como um todo um pesado processo de desequilíbrio (SANTOS, 2001, p. 68).

À medida que aceitamos essas modificações, mas não aceitamos integrar os sujeitos que sofrem com os devidos impactos inerentes dessas modificações, permitindo a substituição de seu lugar de memória (NORA, 1981), passamos a fazer parte de um todo generalizado, sem grandes perspectivas, porque sabe-se que estamos interligados com o meio natural, no qual não há possibilidade de não haver essa ligação, pois o homem não vive sem a natureza e a natureza não vive sem o homem, é uma questão do corpo ocupando o espaço que é por ele integrado. Em seu livro *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*, Clóvis Cavalcante define a simbiose da natureza e do corpo humano, e nenhuma delas sobrevive sem a outra.

Por isso, os seres vivos formam imagens sobre o mundo. Imagens que resultam de inumeráveis fenômenos físico-químicos. Para se relacionar com o ambiente que o cerca, cada ser vivo deve ser capaz de formular um conjunto de imagens, compondo dessa forma um mundo que lhe é próprio e que corresponde apenas aproximadamente ao mundo no qual vivem seus semelhantes. Cada ser vivo tem seu mundo

próprio, o que corresponde a uma subjetividade em relação ao mundo físico (CAVALCANTI, 1998, p. 151).

A globalização se impõe não somente na esfera nacional como sabemos, mas em todo cenário mundial e longe de estarmos livres dela, mesmo que a passos lentos, nossa diversidade natural é o principal alvo em diversos aspectos, dessa inconsequente máquina do poder de modo que nos amparamos em significados que não geram nada além do enfraquecimento dos limites pertencentes as nossas próprias questões sociais.

Nesse caso sabe-se, porém, que as alternativas utilizadas para o desenvolvimento dessa natureza cultural, se deve a ocupação desproporcional de espaços geográficos antes demarcados para resguardar a memória de algumas comunidades que de algum modo já obtinham, e hoje é estabelecido para obedecer aos encargos capitalistas instituídos pelo próprio meio político.

2.1 A memória como primazia de uma sociedade

A globalização, ao avanço dos anos, se torna cada vez mais intrínseca no meio social, com determinantes que envolvem toda uma sociedade, mesmo essa sendo tão tecnicamente fora da concentração urbana. Milton Santos descreve muito bem a situação do ser humano e suas adversidades diante da grande máquina que é a globalização e a implantação exacerbada de sistemas que só favorecem os grandes empresários e políticos, interferindo assim na estrutura de um meio social, onde são praticamente subjugados ao poder escravocrata, que tem sob seu domínio culturas estabelecidas.

De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização

como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização (SANTOS, 2001, p.18).

Essa é uma questão de suma importância mediante os grandes avanços que cada meio social vem sofrendo na medida em que essa globalização perversa se manifesta, floreado caminhos altamente perigosos, e tendo esta a tendência de ser cada vez mais invasiva, até mesmo onde nunca imaginamos. Outro fator a ser discutido nesse processo do contexto existencial é a memória, que acaba sendo a mais importante ligação entre o indivíduo e o sentido de pertencer, no qual, sem ela, somos incapazes de sentir-nos inteiramente donos de nossa própria história.

É a partir da memória que nossa existência passa a ter sentido, pois cada um de nós pertencentes ao lugar de onde viemos, criamos uma identidade com aquilo no qual fazemos parte e nisso Santos também define a identidade como importante característica histórica individual, e é a partir daí que o documentário toma corpo através dos aspectos dessa memória.

Havia, por conseguinte, uma territorialidade absoluta, no sentido de que, em todas as manifestações essenciais de sua existência, os moradores pertenciam àquilo que lhes pertencia, isto é, o território. Isso criava um sentido de identidade entre as pessoas e o seu espaço geográfico, que lhes atribuía, em função da produção necessária à sobrevivência do grupo, uma noção particular de limites, acarretando, paralelamente, uma compartimentação do espaço, o que também produzia uma idéia de domínio, de poder. A política do território tinha as mesmas bases que a política da economia, da cultura, da linguagem, formando um conjunto indissociável. Criava-se, paralelamente, a idéia de comunidade, um contexto limitado no espaço (SANTOS, 2001, p. 62).

A memória é a nossa referência perante a sociedade em que vivemos e a conservação da mesma nos torna autônomos mediante aquilo em que

acreditamos ainda ser a nossa forma de viver entre a comunidade em que nos estabelecemos como grupo, ou seja, a cultura de nossa sociedade é fadada ao que carregamos conosco a vida inteira, salvo algumas mudanças que ora outra nos condiciona a um novo olhar. O esquecimento dessa memória que nos torna únicos mediante a aceleração do imediatismo a que estamos expostos, pode significar a perda de nossa identidade, da especificidade de nossa trajetória.

Em seu livro *Entre memória e história- a problemática dos lugares* (1981), Pierre Nora fala da questão da memória relacionada ao conjunto de normas estabelecidas pelas sociedades ao longo de toda uma existência, pois há aí a ruptura de um elo para com nosso passado a partir do momento que não nos damos conta da importância de tais normas.

Entre uma memória integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda- poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que conduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e do mito e a nossa, que só é história, vestígio e trilha (Nora, 1981, p. 8).

A memória predomina a partir da cultura em que o indivíduo está inserido, e no livro *Padrões e cultura* de Ruth Benedict (2000) ela expõe a questão cultural desse indivíduo, pois os valores, as normas, os padrões culturais com os quais se conecta determinado grupo são transmitidos a partir do momento em que nasce. “Ninguém pode participar completamente em qualquer cultura se não tiver sido criado dentro de suas formas e vivido de acordo com elas; mas todos podem conceder que outras culturas têm, para os seus participantes, o mesmo significado que se reconhece na sua própria (BENEDICT, 2000, p. 49)”. Com isso o indivíduo cresce seguindo essas normas e costumes por gerações, sendo conduzidos pelas formas tradicionais no qual se fazem presentes em sua sociedade. Nora também fala da memória através do tempo e como ela se relaciona com a história do indivíduo.

A questão é: a memória por mais distante que possa se encontrar, sempre haverá de se dispor de um mediador para que seus vestígios possam ser levados ao mais longe que a história daquela memória possa chegar. Portanto, memória e história andam de mãos dadas indiscutivelmente e Nora acrescenta que “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e as relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (Nora, 1981, p. 9).

Em outras palavras, a memória estabelece asserções entre indivíduos, aprofundando conhecimentos mútuos, consolidando caráter de formação individual. É extremamente importante essa conexão memória- história do cidadão mediante o lugar a que pertence. O sentido de pertencer é, antes de tudo, a estrutura comportamental do indivíduo perante a sociedade em que vive, fundamentando a ritualização coletiva.

Não se pode simplesmente fechar os olhos para um determinado grupo e fingir que uma mudança drástica em seus costumes não vai alterar em nada suas vidas. Somos responsáveis pela vitimização inerente a que submetemos certos grupos em prol do grande avanço social, cujo benefício só é favorável a alguns enquanto outros servem de escudos de sua própria coerção.

São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (NORA, 1982, p. 13).

O filme etnográfico é o arcabouço dessa memória, pois nos possibilita levar a memória juntamente com a história por um viés mais profundo em busca de conduzir da melhor maneira o fio inicial que dará projeção a história.

2.2 O rio Teles Pires e o ator social

O rio Teles Pires é considerado um dos maiores e mais importante rio de Mato Grosso juntamente com o rio Juruena. Nasce em Diamantino-MT, passa por uma das maiores regiões produtoras de grãos do Brasil, com grande volume de exportação, sofrendo aí seus primeiros impactos a partir do momento em que suas águas sofrem contaminação com as descargas de sedimentos das fazendas e das atividades garimpeiras. É também um dos formadores do rio Tapajós no Pará, onde desagua. Suas águas banham dois importantes biomas brasileiros: o cerrado e a floresta amazônica.



Figura 1- Vista aérea do Rio Teles Pires - Fotografia: Fabiano Rocha.



Figura 2- Vista aérea do Rio Teles Pires. Fotografia: Fabiano Rocha.

Considerado um dos melhores rios do mundo para atividade de pesca esportiva, hoje o rio Teles Pires tem sua fisiografia totalmente modificada. Em épocas distintas suas águas sofrem alterações, ficam cristalinas na seca e no período de cheia tornam-se escuras.

A concentração de variedades de peixes é um outro aspecto que favorece a prática de atividades de pescas tanto para comercialização das comunidades de pescadores, como das aldeias indígenas e também de pescas esportivas, pois é um rio de alta concentração de espécies como jaús, pintados, dourados e pirararas, piraíba, tucunaré, cachorra e pacu, e devido ao fato das barragens bloquearem a migração desses peixes, é muito provável que em pouco tempo essas espécies sejam extintas desse local, além dos sedimentos depositados por essas barragens e com o advento da implantação

dessas usinas essa atividade está ameaçada, como também os meios de subsistência das comunidades que vivem as margens do rio.

Ao todo são seis usinas que foram planejadas para a sua Bacia, que poderiam gerar mais de 3.600 MW. Cinco destas usinas estão no rio principal, e algumas delas já em fase de finalização. As turbinas da UHE Teles Pires não foram desenvolvidas corretamente, causando com isso a morte de diversas espécies de peixes nobres, além de cobrir as praias que serviam como centro de desova para tartarugas e tracajás. A Empresa de Pesquisa Energética (EPE) desenvolveu o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), para o levantamento da área.

Os Estudos de Inventário da Bacia Hidrográfica do Rio Teles Pires (MT/PA), aprovados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) em julho de 2006, indicaram um conjunto de seis usinas hidrelétricas, totalizando uma geração de cerca de 3.600 megawatts (MW) na bacia, da qual a Usina Hidrelétrica Teles Pires, com potência instalada de 1.820 megawatts (MW), é responsável por 50,55%. A Usina Hidrelétrica Teles Pires, localizada no rio Teles Pires, teve seu Estudo de Viabilidade registrado na ANEEL em junho de 2009, sob o Processo nº 48500.004785/2006-17 (EPE- RIMA).

Há também a famosa corredeira Sete Quedas, que hoje fica apenas na memória daqueles que a utilizavam como lugar de culto aos antepassados, tendo a usina se instalado em sua cabeceira. Mas em vida a corredeira sugeria toda a impetuosidade do Rio Teles Pires. Suas belas lagoas são cercadas pela mata densa da floresta com sua biodiversidade excêntrica. A bacia amazônica, incluindo a bacia do rio Tapajós, cobre uma área de, aproximadamente, 7,1 milhões de quilômetros quadrados. Esta é a maior rede hidrográfica do mundo, e contribui com 18% da água doce despejada nos oceanos. Seus rios, igarapés, lagos, canais e furos abrigam cerca de 20% de toda água doce da terra.

Os atores sociais, ou seja, os personagens reais entrevistados, estão começando a sentir os impactos causados com a grande transformação que o rio vem passando, devido ao desequilíbrio que o mesmo vem sofrendo juntamente em volta de toda a sua área. Essas pessoas, tanto pescadores, como ribeirinhos, assentados e indígenas vivem as margens do rio e muitos dependem apenas dele para sua subsistência. O rio é o mercado, é o banho, é

o poço, é o parque de diversão, é o caminho para o trabalho, para a escola e para qualquer lugar que desejam ir, é do rio e da floresta em torno dele, que vem toda uma estrutura de sobrevivência.

O documentarista é responsável ao lançar determinada estratégia para sair em busca do material que se deseja, embora o objeto de pesquisa já tenha semeado o ideal da estrutura, ainda assim, tem que haver uma conexão entre entrevistador e entrevistado e essa conexão é construída a partir de uma confiança que vai se emoldurando durante os momentos de convivência do cineasta naquele meio em que o seu interesse se edifica (FRANCE, 2000). A partir do momento em que esse laço é intensificado, surge então, o momento mágico das probabilidades com a confiança estabelecida, e com isso o desenvolvimento de toda uma estrutura documental, ou seja, é necessário trilhar um caminho verdadeiro para encontrar a fonte dos milagres, seja você e as respostas virão sem grandes esforços.

O cineasta também é responsável por construir no espaço do outro um conjunto de possibilidades, que provém da liberdade de mediação através das palavras e do real sentido de se colocar no mundo que não lhe pertence, mas que pode fazer parte de sua realidade, a partir do olhar interno em que se insere. Mediante esse olhar, é possível extrair um mundo cercado por eventos imprevisíveis, mas que possibilitarão abrir portas para outras esferas que darão continuidade a fatos até então isolados.

Parece, no entanto, que a investigação ganha em riqueza quando existe um equilíbrio na dosagem entre a apreensão da palavra e a do gesto, sendo respeitado o seguinte princípio elementar: a restituição ou a utilização fílmicas da palavra não são indispensáveis cada vez que esta última é utilizada como meio de evocação substitutivo de fatos e gestos, que podem muito bem ser mostrados pela imagem. A aplicação flexível desse princípio permite ao filme etnográfico não ceder as tentações das soluções “tagarelas” fáceis que representam atalhos na pesquisa efetuados em detrimento de uma descrição paciente dos fatos. Quanto mais a enquete fílmica cede à tagarelice, mais ela tende- outra vez-, a aproximar o filme etnográfico do filme de reportagem televisiva, cujas

imagens servem de pano de fundo à expressão oral (FRANCE, 2000, p. 29).

No referido trabalho, infelizmente a questão da “tagarelice” será evidente, no sentido de valorização do testemunho, o que, conseqüentemente resulta em poucas imagens de inserts. Houve na verdade, um receio de ultrapassar um terreno ainda desconhecido, pelo pouco tempo que passei nas aldeias. O fato de não querer correr o risco de voltar sem as entrevistas me causou essa pressão psicológica, com a possibilidade de ser rejeitada se caso viesse a ultrapassar os limites do qual eu precisava. Ponderei nessa questão, porque os membros das aldeias são muito zelosos, do mesmo modo que podem autorizar uma entrevista, podem também automaticamente, desejar que o entrevistador vá embora.

2.3 O conflito e a desapropriação

No Brasil a questão da demarcação das terras indígenas ainda é muito discutida pelo fato de não haver uma lei que realmente funcione. O detrimento da lei existente enumera muito pouco as terras demarcadas e quando isso acontece, essas leis efetivamente condicionadas ao lento processo de funcionalidade, permite que outros usurpem um espaço que é denominado impróprio para as comunidades indígenas, ou seja, no âmbito do coronelismo que ainda persiste em certas regiões, é inapropriado a uma comunidade indígena se beneficiar de áreas que certos grupos julgam não ser necessário.



Figura 3- Vista aérea UHE Teles Pires. Fotografia: Fabiano Rocha.

A inadequação diante de tal sistema imposto por grupos estrangeiros e pelo próprio governo acaba gerando um tipo de fronteira dominante e é pertinente aos parâmetros que sustenta os fundamentos impostos por instalações desses capitais, segundo Santos.

As privatizações são a mostra de que o capital se tornou devorante, guloso ao extremo, exigindo sempre mais, querendo tudo. Além disso, a instalação desses capitais globalizados supõe que o território se adapte às suas necessidades de fluidez, investindo pesadamente para alterar a geografia das regiões escolhidas. De tal forma, o Estado acaba por ter menos recursos para tudo o que é social, sobretudo no caso das privatizações caricatas, como no modelo brasileiro, que financia as empresas estrangeiras candidatas à compra do capital social nacional. Não é que o Estado se ausente ou se torne menor. Ele apenas se omite quanto ao interesse das populações e se torna mais forte, mais ágil, mais presente, ao serviço da economia dominante (SANTOS, 2001, p. 66).

Isso de fato, só reforça a ideia de que o Estado se omite diante de situações que alcançam proporções significantes mediante questões que implicam na potencialização de obediência de massa, ou seja, queira ou não, o indivíduo tem que se enquadrar nas normas estabelecidas por outras esferas e Santos acrescenta que as relações sociais se alteram dentro de cada comunidade a partir das normas que cada empresa estabelece (SANTOS, 2001, p. 68).

2.4 A devastação ambiental e a modernidade

A questão da implantação de usinas hidrelétricas no Brasil não é um fato novo e sim de longa data. No período pós-segunda Guerra ocorreu o início do planejamento de construções de hidrelétricas em território nacional, devido ao papel do país no cenário econômico internacional, com isso o desenvolvimento de novos projetos foi amplamente difundido, pois se via na Amazônia um intenso potencial de recursos naturais e bens minerais para exportação, passando a ser um território financiado por capitais estrangeiros e governamentais, devido à disponibilidade de minérios e recursos hídricos para a produção de energia elétrica (CAVALCANTE, 1998,p. 34).



Figura 4- Vista aérea UHE Teles Pires. Fotografia: Fabiano Rocha.

A energia hidrelétrica é considerada uma energia limpa, pelo fato de não poluir a atmosfera, não produz resíduos radioativos e não polui a atmosfera, por não necessitar da queima de combustível. Além disso, é considerada eficiente, mas segundo Célio Bermann, em entrevista:

O maior erro da política energética que está sendo implementada é o fato dela se apoiar em inverdades. Uma delas é de que a energia hidrelétrica é limpa e barata. Ela não é. Estudos mostraram que Balbina, Tucuruí e Samuel, as três maiores hidrelétricas construídas na região amazônica até agora, emitem gases de efeito estufa mais ou na mesma proporção que usinas a carvão mineral. Isso pode parecer uma surpresa, mas nos primeiros dez anos de operação de uma usina da Amazônia, a matéria orgânica, a mata, ela apodrece porque a água a deixa encoberta permanentemente. E o processo de apodrecimento é muito forte, acidifica a água e emite metano, que é um gás 21 vezes mais forte que o gás carbônico, principal gás do efeito estufa. Isso é conhecido pela ciência mas não é considerado porque não é de interesse de quem concebe essas usinas. O que interessa é a grande

quantidade de dinheiro que vai ser repassado para as empresas construtoras de barragens, turbinas e geradores. O restante, o problema ambiental, as populações que serão expulsas, a cultura indígena que está sendo desconsiderada, isso não entra na conta (BERMANN, 2010).

Para que essa energia seja processada, o recurso utilizado para seu funcionamento é a água disposta em abundância nos rios de todo o território nacional e internacional. A água é considerada um dos recursos mais abundantes do planeta, mas devido aos grandes desmatamentos e supressão das áreas envolta aos rios, esse recurso precioso pode ser aos poucos extinto, fazendo com que nos deparemos com uma grande escassez global. Sem água não há possibilidade de vida, pois tudo o que se move na terra depende dela. Atualmente a água é um dos assuntos mais discutidos (CAVALCANTE, 1998; SOUZA, ALMEIDA, GUERRA, 2009; BOTKIN, KELLER, 2011) e é evidente a preocupação por sua gestão sustentável, e Arnaldo Carlos Müller em seu livro Hidrelétricas, Meio Ambiente e Desenvolvimento- explica que devido ao fato de que cada dia se torna mais difícil a crescente procura pela água é necessário que tenhamos um cuidado mediante essa falta.

Considerando os recursos hídricos – especialmente os subterrâneos – um bem precioso para as gerações atuais e futuras, os estudos das interferências dos reservatórios sobre os aquíferos merecem ser adequadamente tratados. Um bom projeto se inicia com um levantamento e mapeamento dos setores que serão afetados e, a tempo, previne sobre os riscos de danos às estruturas e instalações, ou reorienta usos que são potencialmente inconvenientes. Esses mapas devem informar a constituição litológica, a espessura das camadas, a capacidade de transmissão dessas camadas, as estruturas geológicas e as zonas de permeabilidade, os sistemas de aquíferos, a profundidade dos lençóis freáticos e a direção dos fluxos de água nas áreas sob influência do reservatório (MÜLLER, 1995, p. 139).

A destruição de parte da floresta que ocupa a área do rio Teles Pires, prevista para a implantação da usina, já teve suas alterações concluídas. O termo “destruição” é substituído por outro, a “supressão”, que aos olhos de quem não tem conhecimento soa menos significativo, então ouvimos que a floresta não foi destruída, foi apenas suprimida, mas isso, nada mais é, do que eliminar, extinguir, fazer desaparecer e por essa razão não difere em nada da destruição e do desmatamento. Essa supressão vegetal não pode ser feita indiscriminadamente, sendo que é necessário obter autorização do ministério do meio ambiente para que tal ato aconteça, e para isso o órgão governamental assinou a autorização para que essa área fosse suprimida para a construção das UHEs.

Como consequência, os primeiros tempos de qualquer reservatório apresentam níveis de baixa qualidade hídrica, prejudicial a todas as formas de vida. Porém, esse estado, ainda que às vezes possa ter maior duração, não é permanente. A sucessão natural dos corpos d’água desenvolve processos de degradação biológica da matéria orgânica, seguidos de reações oxidantes dos compostos amoniacais resultantes. Ao cabo de certo tempo observaremos a vida retornar ao corpo d’água, iniciando o processo evolutivo com as algas, o zooplâncton e alevinos de peixes. Para evitar que essa situação extrema se implante, assim como para abreviar todo o processo de limnológica, parte da solução será a remoção prévia da vegetação existente na área a ser inundada (MÜLLER, 1995, p. 171).

Através das mudanças governamentais sempre em busca de benefícios próprios, os fazendeiros anseiam sempre por mais e mais terras para cultivo de grãos, e produção pecuária, esquemas de exploração intensiva e da prática de garimpo ilegal, essa porcentagem de desmatamento das áreas protegidas tem aumentado em todo âmbito nacional. E a ocupação dessas UHEs nessas áreas envolve corte de árvores, retirada da mata ciliar da margem do rio, além de afogamentos de árvores, arbustos e vegetação.



Figura 5- Vista aérea UHE Teles Pires. Fotografia: Fabiano Rocha.

Os danos causados nessas áreas, são astronomicamente inevitáveis e de um modo geral irrecuperáveis. Nesse caso a tecnologia instalada será apenas mais um sugador das forças do rio, beneficiando apenas uma parte do país que não pertence ao conjunto doador da região atribuída. Müller define que o acompanhamento correto dessas empresas poderia considerar um modo de elaboração de migração mais ordenada dessas áreas.

Um dos fenômenos sociais dos períodos de levantamentos cadastrais e negociações é a eclosão de migrações desordenadas: as crises de insegurança afetam muitas famílias que possuem antecedentes de crises socioeconômicas, que as leva a precipitar sua saída da área de tensão. Simultaneamente, observa-se outro grupo de famílias entrando na área de desapropriação, muitas pela aquisição, explorando os que querem sair com o objetivo de receber as indenizações e compensações. As campanhas de esclarecimento e as

atitudes da empresa com os desapropriados devem ser adequadas para superar essa etapa (MÜLLER, 1995, p. 296).

Os impactos causados não são somente de caráter ambiental mas, também cultural, social e político e diante disso não se vê nenhum efeito positivo mediante os resultados implantados e ainda que seja feito estudos em diversas áreas para saber exatamente que proporções terão tais impactos, cabe revisar que nem sempre se consegue chegar a um número exato, ficando assim exposto as razões do não cumprimento de certas cláusulas discutidas anteriormente com as comunidades referentes as projetos de compensação, para isso Müller determina a causa desse efeito:

Ainda respeitando os aspectos legais ou institucionais, temos de convir que as regiões atingidas pela formação dos reservatórios deveriam, rotineiramente, beneficiar-se com um quinhão satisfatório da energia obtida à custa da redução da produção agrícola pela perda de terras, etc., ainda que isso seja feito como parte das compensações pela inundação de suas áreas (MÜLLER, 1995, p. 310).

É significativa a disparidade de lucros empresariais e governamentais que se obtém da órbita em questão, enquanto o crescimento da pobreza relativa a esses lugares tornam-se meramente cobertos pela sombra do progresso que chegam para alguns enquanto outros ficam de fora. E como Santos cita: A globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada (SANTOS, 2001, p. 65). E sem dúvida isso também é uma forma de impacto.

3 PRODUZINDO O DOCUMENTÁRIO

3.1 Processo da Pré-produção

Apresento a partir desse capítulo todo o processo de produção do documentário, tendo em vista que, cada dificuldade apresentada se dá simplesmente pela questão do trabalho ser individual e inteiramente independente, ou seja, sem apoio financeiro.

A princípio, a minha ideia era produzir uma ficção, pois queria trabalhar com elementos de direção de arte e figurinos que é o que mais me chama a atenção em uma produção, mas fui compelida a produzir esse documentário, embora soubesse que seria quase impossível, resolvi assim mesmo abraçar essa ideia. Aos poucos, à medida que realizava a pesquisa bibliográfica, fui ficando cada vez mais envolvida, empolgada com a possibilidade do desafio.

Então resolvi partir para uma primeira viagem em novembro de 2014, quando cursava a disciplina Metodologia da Pesquisa e da Produção em Cinema, para desenvolver os primeiros conhecimentos da área, no intuito de fazer uma pré-filmagem. No entanto, não tive o devido cuidado com as datas, foi quando me deparei com dois dias de feriados tendo um perdendo cinco dias de trabalho na estrada. Houve também a questão das condições climáticas, em que o período de chuva era intenso na época, e isso evidentemente atrapalhou muito. Ainda assim, consegui filmar algumas entrevistas com indígenas e assentados, com apenas três perguntas não muito elaboradas, mais abertas, além de imagens de inserts, mas sem saber direito o que eu queria realmente.

Voltei muito feliz e na certeza que estava fazendo a coisa certa, mas na verdade aos poucos fui percebendo que faltava um recorte mais delimitado para a narrativa, que não estava saindo de acordo com o que eu esperava e foi muito difícil conseguir admitir e aceitar que eu não teria mais tempo para outra viagem, que precisaria usar de outros artifícios para concluir o trabalho. Confesso que numa certa altura senti-me amarrada, sem saber por onde começar, houve momentos muito tensos de choro e angústia por não conseguir desenvolver um roteiro que fosse coerente com o que eu desejava. Não sabia por onde começar, pois as informações que eu tinha sobre a usina e as aldeias

eram muito rasas e mesmo havendo outros dispositivos que eu poderia utilizar para a construção do documentário, ainda não conseguia encontrar o caminho. Acredito que não cheguei a pensar em desistir, fiquei sim extremamente triste por não conseguir fazer do modo que eu já havia planejado e isso começou a afetar o desenvolvimento do trabalho tanto na parte prática como na escrita, e eu não queria mesmo desapontar meu orientador e minha coorientadora o que intensificou meu desapontamento.

Fiz uma segunda viagem em junho de 2015, em época mais promissora, pois o período de seca e a greve na universidade foram cruciais, permitindo, mesmo sem produção local, um melhor desenvolvimento das filmagens.

Logo na primeira semana, entrei em contato com o responsável pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em Alta Floresta– MT, para tentar meu ingresso na aldeia Cururuzinho, da etnia Kayabi, só que ao chegar, o líder da aldeia Taravy Kayabi se encontrava no Xingu e como eu não tinha os documentos de autorização da FUNAI de Brasília, não houve maneira de entrar no local sem autorização da liderança indígena.

Ainda houve outro imprevisto: não poder contar com meu colega que foi de suma importância ao me auxiliar com a assistência da fotografia na outra viagem, pois o mesmo se encontrava trabalhando em outra produção na qual seria remunerado e eu não pude fazer exigências por não ter condições financeiras para pagá-lo pelos dias trabalhados. Nesse caso, resolvi ir para o Pará na tentativa de entrar em Jacareacanga por meio de alguns contatos que eu calculava fazer em Novo Progresso, mas só consegui contato com as pessoas certas no momento em que tinha que voltar para Mato Grosso, onde havia data marcada para me encontrar com o líder da aldeia Cururuzinho, assim voltei, mesmo contrariada.

Ainda em Novo Progresso, com a esperança de entrar na aldeia dos Mundurucus, fiquei aguardando alguns dias e, devido à dificuldade de encontrar alguém para articular essas conexões entre os entrevistados e os locais a serem acessados, tive que perder muitos dias de filmagens. Nesse meio tempo acabei trabalhando em outros documentários que não tinham conexão com o meu projeto. Alguns dias antes da minha chegada, a Rede Globo havia feito uma matéria sobre desmatamento e garimpo ilegal, deixando a população de Novo Progresso bem insatisfeita, o que dificultou mais ainda

meu trabalho. Ainda assim encontrei um mote para fazer uma comparação entre a reportagem da Globo sobre o desmatamento no Pará e o desmatamento em consequência da construção dessas usinas.

Aí ficam algumas perguntas:- Por que tanto estardalhaço com uma questão de desmatamento numa área considerada ilegal pelo governo, se a mesma área considerada legal pelo mesmo governo tem a mesma dimensão de desmatamento ou maior? Qual a diferença entre uma área ou outra, sendo que os estragos tem as mesmas proporções e também os mesmos efeitos? Por que colocar a questão cultural branca no meio indígena? alterar sua cultura como se quiséssemos que eles engolissem a nossa?

Diante disso, deixo a resposta para as comunidades indígenas, para que através dos seus anseios, eles possam dizer a diferença sobre o território onde se encontra a mesma floresta e também para as pessoas que vêem o rio Teles Pires, não apenas como um simples rio, mas um rio com um significado muito maior para eles.

Minha saída do Pará foi extremamente dolorosa, pois a partir do momento em que pisei no solo da floresta, ainda que o desmatamento fosse astronômico, senti pela escassez de recursos e de melhores equipamentos, pois essa falta dificultou muito o trabalho, poderia ter conseguido imagens belíssimas.

Ao chegar em Alta Floresta, fui informada que o líder da comunidade Kayabi ainda demoraria duas semanas para chegar de viagem do Xingu e a minha frustração foi maior, pois meu tempo estava se esgotando, mas resolvi ficar e esperar. Nesse meio tempo fui trabalhando com outras questões que implicaria na produção de outro documentário, dessa vez, sobre sustentabilidade e suas manifestações sociais, que também não tem haver com o meu projeto, mas que me ocuparia de certo modo. Depois dessas duas semanas pude enfim me encontrar com Taravy Kaiaby que permitiu meu acesso a aldeia Dinossauro, umas das aldeias entre as cinco que visitei, com o colega Délcio Gustavo Zwick que fez a fotografia still do projeto.

A dificuldade foi maior quando soube que para entrar na aldeia era necessário levar gasolina, porque em boa parte do caminho, tínhamos que ir de barco. Antes disso, eu já havia começado a entrar em contato com algumas empresas da cidade em busca de apoio, mas sem nenhum sucesso. Chegou

um momento em que me encontrava exausta e decepcionada, na iminência de me encontrar chorando devido à preocupação com o prazo para concluir o TCC.

Algumas poucas empresas que já me conheciam me auxiliaram, e também os amigos me ajudaram muito, além de minha família que se desdobraram para a execução desse trabalho e foi mesmo no fim que tive a excelente ideia de criar na internet um grupo para arrecadar fundos, mas essa ideia só veio no final, não dando tempo de arrecadar dinheiro suficiente, mas consegui uma quantia substancial e as ligações também foram muito importantes, acabei recebendo apoios de amigos de outras cidades de Mato Grosso e Pará para dar continuidade ao processo.

3.2 Produção

O processo das entrevistas e da captação das imagens foi muito tranquilo, tirando o deslocamento que não foi nada fácil, devido à distância, o resto correu como planejado. Os equipamentos utilizados para a captação dessas entrevistas foram necessariamente uma câmera fotográfica Canon 60d com um tripé comum, e um gravador H4n, que cumpriram perfeitamente com as funções desejadas.

Mas antes mesmo das entrevistas procurei realizar conversas prévias com alguns indígenas e percebi que eles tinham necessidade de dar voz ao que estava reprimido e, no entanto, como eles mesmo disseram, tudo o que eles falavam era de alguma forma manipulado na edição. Então vi a chance de também modificar o meu trabalho, procurando não deixar a usina ser o fator principal do documentário e sim o rio.

Antes mesmo de começar o contato com o líder da aldeia- e com temor de não conseguir esse contato-, foi necessário dar início a outras entrevistas que por questão de segurança seria uma maneira de não voltar sem material. As entrevistas foram basicamente referentes ao rio, pois frisando falas anteriores ele ainda continuava sendo o elemento principal do documentário, e

acabou ficando até mais interessante, pois era sobre o rio que eu queria falar em primeiro plano, ficando a usina em segundo plano.

Isso fortaleceu a minha convicção de que ele deveria ser o personagem principal, enquanto a usina passaria a ser um fator relevante de modificação do rio, e em consequência disso, essa mutação seria elemento de transformação no cotidiano dessas pessoas que dependiam desse rio, encaixando-se aí exatamente o que eu queria. A usina, da desordem passaria a ser ordem enquanto elemento da realidade daquelas pessoas no meu documentário, ordem de dar o direito de fala para aqueles que são suprimidos em meio a tantos documentários sobre o mesmo tema.

Resolvi não entrevistar ninguém que falasse da usina enquanto elemento de exaltação, porque não é essa a intenção e sim denunciar. A partir disso o roteiro teve que ser novamente repensado diversas vezes para que pudesse chegar a um resultado próximo do desejado. Mas não houve um roteiro específico das questões que gostaria que fossem respondidas, queria saber o sentimento daquelas pessoas em relação ao rio, quais os impactos que foram determinantes no seu cotidiano e qual o futuro que eles esperavam para esse rio.

A iluminação, como se pode ver no documentário, é natural, quanto aos aspectos da fotografia optei por fundos que focassem elementos da própria natureza, sem fundos com paredes, exceto em duas entrevistas, ainda assim predomina-se aí uma planta e os peixes em conservantes, mesmo que em vidros. O som é direto, captado por somente um gravador H4N, sem os acessórios necessários e essa falta acabou prejudicando os áudios de algumas entrevistas devido ao forte vento que sopra na margem do rio. Ainda assim acredito que o prejuízo não será tão significativo.

Terminando as entrevistas e todas as imagens, chegou a hora de voltar pra casa, mas outro detalhe triste, faltavam os recursos para a passagem, então resolvi seguir de cidade em cidade até chegar em Sorriso-MT onde moram meus filhos, na esperança de conseguir uma forma de voltar, pois a greve havia terminado e eu precisava voltar para concluir o semestre. Não tinha mais coragem de pedir dinheiro pra ninguém, mas sempre existe uma solução, e acabei conseguindo uma ajuda da minha irmã, que foi providencial, para que eu chegasse ao meu destino e pudesse finalizar meu trabalho.

Esse trabalho foi fundamental porque reforçou a premissa de que é preciso acreditar realmente naquilo que se deseja e, ter muita força de vontade, assim conseguimos fazer qualquer coisa. A confiança é primordial, tem que haver vontade de concretizar os objetivos e por isso acreditar imensamente, colocando sempre Deus a frente de tudo.

3.2.1 Entrevistas

A questão das entrevistas na comunidade indígena foi a parte mais difícil do documentário. Os próprios já estavam cansados de serem iludidos por outros trabalhos que também diziam dar voz ao que eles queriam falar, para que enfim fossem ouvidos, não só por governantes ou empreendedores, mas por outras pessoas que ainda não tinham o conhecimento da causa deles.



Figura 6- Entrevista com cacique na aldeia São Benedito. Fotografia: Délcio Gustavo Zwick.

Encontrei a princípio um pouco de dificuldade em adquirir sua confiança, e o fato de não ter uma situação financeira favorável também contribuiu. Mas, usei de sinceridade, expliquei a intenção do trabalho e a grande dificuldade que estava encontrando para o desenvolvimento do mesmo e fui sucinta ao pedir a ajuda deles. Com um pequeno detalhe que fez muita diferença; conversar olhando diretamente nos olhos, pois essa é a forma deles entenderem que eu estou ali precisando deles e em mim eles viram a chance de falar mesmo eu não tendo muito a oferecer. Acredito muito que essa troca de confiança surgiu a partir dessa sinceridade, a exposição dos meus problemas para que eles expusessem assim o deles.



Figura7- Entrevista com Vitorino Munduruku, aldeia Coelho. Fotografia: Délcio Gustavo Zwick.

Mas a minha chegada a aldeia não foi muito amistosa. A princípio, houve ali uma tensão gerada por parte da primeira tribo, necessitando de uma abordagem mais explicativa, sem qualquer resquício de medo, afinal estavam

somente eu e meu colega que se dispôs a me seguir, e nesses tipos de trabalhos, o medo infelizmente é um elemento traidor, que pode colocar tudo a perder. Vi a partir daí a necessidade de adotar uma estratégia de sensibilização: passar em cada aldeia explicando primeiramente a intenção do trabalho para depois voltar fazendo as entrevistas.

Dormimos a primeira noite na última aldeia, pois começaríamos bem cedo as entrevistas por lá, seguindo o caminho de volta. Como tínhamos levado algumas provisões, seria necessário que tivéssemos um local para cozinhar, mas chegando lá e analisando o local, achei por bem não abusar, preferindo assim comer o que nos oferecessem, isso é, se oferecessem.



Figura 8 e Figura 9- Nascer do sol na aldeia Dinossauro. Fotografia: Maria Andreia.

De antemão busquei deixar explicado quanto à questão da autorização de uso de imagem- e como essas autorizações eram importantes para que o trabalho fosse divulgado amplamente, embora talvez, nem mesmo com essas autorizações eu tivesse permissão para divulgar esse trabalho.

Como havíamos combinado, retornamos em cada aldeia no outro dia pela manhã. Fizemos as entrevistas, bem mais tranquilos, pois a essa altura já estavam nos tratando de forma mais amigável. Comemos e bebemos com eles, afinal estávamos ali, adentramos em sua cultura e deveríamos agir como tal. Dançamos e contamos piadas, demos muitas risadas e nossa interação foi a mais amistosa possível. Partimos no domingo de manhã com a sensação de ter deixado nossas almas para trás.

Na primeira viagem houve um total de seis pessoas colaborando com a captação das primeiras entrevistas. Fiquei lá durante uma semana. Após isso, já na segunda viagem, ficamos apenas eu, meu colega e minha irmã, e o período de estada foram de dois meses, contabilizando aí os dias improdutivos, os imprevistos e os dias trabalhados, além dos dias na estrada, de um estado a outro.

Entrar nesse mundo, nessa realidade, foi com certeza uma experiência inesquecível. Pode-se dizer que a liberdade está no modo de vida da aldeia, entretanto já existe um medo de que as coisas se tornem privadas dentro da aldeia, e como o capitalismo se torna proeminente fazendo com que sejamos reféns de um sistema animalesco, que corrompe até o mais sensato do ser humano, transformando-nos numa casca bruta. A globalização perversa que fala Milton Santos nos fez na verdade perder a civilização que tanto clamamos nos pertencer, deixando-nos a mercê da barbárie, por ser tão somente dominados pelo medo como a necessidade capitalista reforça.

Jamais houve na história um período em que o medo fosse tão generalizado e alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome, medo da violência, medo do outro. Tal medo se espalha e se aprofunda a partir de uma violência difusa, mas estrutural, típica do nosso tempo, cujo entendimento é indispensável para compreender, de maneira mais adequada, questões como a dívida social e a violência funcional, hoje tão presente no cotidiano de todos (SANTOS, 2001, p. 58).

E é assim que me senti, andando de barco ao longo do rio, refletindo sobre o modo de vida daquelas pessoas. O rio é o caminho da escola, do trabalho, é a rua de suas casas, sua avenida e olhando aquela floresta e aquele rio se perdendo no horizonte onde parecia não ter fim, entendi que é muito fácil destruir o que não me fará diferença, o medo da possibilidade de um dia não ver mais aquela paisagem direcionou minhas conclusões ao caminho da inexistência absoluta da essência fundamental do resultado do caos.



Figura 10- Rio Teles Pires. Fotografia: Maria Andreia Santos.

3.3 Pós-produção: Montagem

No início da edição do meu documentário, eu estava extremamente feliz e extasiada em finalmente ter realizado a minha filmagem, e o resultado inicial da edição me enchia de alegria, mas a medida que a montagem ia tomando corpo, fui percebendo o quanto tudo aquilo estava me deixando infeliz, pois apesar das entrevistas serem o suficiente ainda faltavam imagens de insert para que o filme tivesse mais fluidez.

Em meio a isso fui sentindo um tremendo vazio e a sensação de falha na minha missão, alguma coisa faltava e eu não me conformava em saber que depois de tanta luta, eu simplesmente não teria o resultado desejado, senti uma grande sensação de fracasso. Diante disso, senti como se o desejo de fazer o meu primeiro filme tivesse sido negado pelo universo, senti-me incapaz, mas depois entendi, que se não pudesse ser capaz de reconhecer meus esforços no meu próprio filme, eu realmente não merecia estar ali, fui extremamente egoísta nesse ponto.

A partir disso, deixei que a edição fluísse aos poucos para que eu pudesse sentir o filme e talvez a finalização me revelasse sua verdadeira essência.

A montagem do documentário surge com uma imagem da ponta do barco no rio e seu horizonte somente com o som das águas seguida da primeira narração. Logo após surge a tela escura com os créditos iniciais, acompanhados pela música *Amazônia* da banda *Deep Forest* e o título se expandindo de forma crescente, seguido de um plano sequência da floresta até terminar com uma mão em uma árvore. A partir daí entra a primeira entrevistada, tendo parte de sua voz coberta por imagens do rio, pois, sua fala se iniciará exatamente sobre a relação do entrevistado com esse rio. Logo em seguida imagens da floresta em vista aérea ainda sem som, surgindo assim outros caracteres e logo depois o título crescendo juntamente com os créditos iniciais.

Optei por conduzir o documentário com uma narrativa mais romantizada, não distraíndo com isso a intenção real que é a de sensibilizar o espectador diante da problemática discutida a partir das entrevistas dos atores sociais onde falarão sobre suas memórias, seus costumes, seu território e o meio em que vivem e os impactos sofridos com a implantação da usina. Foi decidido que a narrativa será linear de acordo com os acontecimentos que serão respectivamente entrelaçados com imagens da floresta e do rio e também com desenhos dos indígenas com temas que lhes são cotidianos.

A música escolhida para a trilha é da banda francesa *Deep Forest* de título *Amazônia* em parceria com o músico brasileiro Flávio Del'assola que também mora na França. Escolhi essa banda por que seu trabalho é também voltado pra cunho etnográfico, além de terem melodias lindíssimas, tem tudo a ver com meu trabalho. Já ouvia essa banda desde 1997, e sempre gostei do estilo dela, world music etno- eletrônica, etnomusic e já fizeram um trabalho muito importante no Brasil, captando os sons das florestas brasileiras, em parceria com músicos brasileiros. Além disso, é uma banda que tem seu trabalho voltado para as questões da preservação das culturas de vários países, inclusive com sua renda revertida para o resgate dessas culturas e para preservação do meio ambiente.

Para a autorização do uso da obra, houve um contato com o líder da banda onde explanei a ideia do projeto reforçando razões para que a música fizesse parte da trilha sonora do documentário, e então consegui a autorização desde que enviasse uma cópia do trabalho para eles. As assinaturas na autorização do uso de imagem dos entrevistados também foram coletadas conforme os ditames da lei, como também autorização para uso de imagem de menores em detrimento dos seus direitos descritos nos artigos do Estatuto da Criança e do adolescente.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.



Figura 11- Coleta de assinaturas para termo de autorização de imagem. Fotografia: Délcio Gustavo Zwick.



Figura 12- Coleta de assinaturas para termo de autorização de imagem. Fotografia: Délcio Gustavo Zwick.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do documentário foi alcançado, mesmo diante de alterações do objeto, de limitações técnicas, o trabalho foi concluído com sucesso, embora com algumas restrições, foi relevante, atuando para o processo da reflexão entre observador e observado. A observação prévia e intimidade com o objeto pesquisado é de fato um determinante para o desenvolvimento da pesquisa através do vídeo, e fundamental na construção da narrativa.

Mas um documentário não é feito simplesmente no querer e no agir, é preciso haver um planejamento cuidadoso a fim de garantir preparação e qualificação adequada. Para isso é necessariamente obrigatório adquirir conhecimento técnico, além de trabalho conjunto, para que o verdadeiro sentido da narrativa seja capturado. Isso nos leva a entender que para além dessas questões, há também a preocupação inferida às pessoas que serão alvo dessa pesquisa, a partir do momento em que elas se dispõem a participar do desenvolvimento da produção- o que nos é permitido extrair dessas pessoas, quais são os objetivos que nos interessa- sem ferir de forma alguma a sua dignidade.

Durante o desenvolvimento do trabalho, percebi o quanto é importante criar uma relação de confiança para se obter o resultado desejado, mas o quanto também nos sentimos impotentes por não contar com um reforço técnico adequado, ou seja, é extremamente importante a presença de uma equipe engajada e bem preparada para que haja apoio até mesmo emocional diante das adversidades. A maior dificuldade foi exatamente a de não ter esse apoio no momento em que tive acesso ao local desejado, pois encontrei serias dificuldades em me sentir a vontade e relaxada para capturar tudo o que estava em mente, deixando imagens altamente relevantes para trás.

Entre todas as dificuldades, fica a grande lição de que podemos sim, com o documentário etnográfico, ter em mãos, infinitas possibilidades de estar levando adiante de outros olhos histórias extremamente enriquecedoras e denunciadoras. As leituras sobre os estudos teóricos descritos nesse trabalho foi, de extrema importância, para que houvesse um entendimento entre as

relações simbólicas e do campo da memória, assim como o território e a expansão das áreas em degradação.

Também constitui-se nesse enredo a importância do documentário para que possamos traçar trajetórias de diferentes espaços. E como documentarista, cabe a nós criar uma forma de estratégia, para que haja reciprocidade entre quem adquire o saber e quem o transmite, e a importância dessa estratégia cria um laço entre essas duas fontes, para que a execução da obra se complete.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gustavo Henrique de Souza/ ALMEIDA, Josimar Ribeiro de/ GUERRA, Antônio José Teixeira. **Gestão ambiental de áreas degradadas**. 4ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand brasil, 2009.

BOTKIN, Daniel B./ KELLER, Edward A. **Ciência ambiental- terra, um planeta vivo**- Tradução: Francisco Vecchia, Luiz Claudio de Queiroz Faria. Revisão Técnica: Marcos José de Oliveira, Francisco Vecchia. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CAVALCANTI, Clóvis organizador. **Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável**- 2ª ed.- São Paulo: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.

EPE - Empresa de Pesquisa Energética. CTF 2067629

Entrevista com Célio Bermann
<http://www.viomundo.com.br/entrevistas/bermann-a-energia-hidreletrica-nao-e-limpa-nem-barata.html> acesso 22/09/2015.

MÜLLER, Arnaldo Carlos. **Hidrelétricas, meio ambiente e desenvolvimento**. –São Paulo: Makron Books, 1995.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. - 5ª ed. –Campinas, SP: Papyrus, 2012. –(Coleção Campo Imagético).

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. 1984 publicado no Brasil em 1993, na Revista Projeto História, do Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. -6ª ed. –Rio de Janeiro: Record, 2001. 55

FILMOGRAFIA

João Moreira Sales- **Santiago**- Brasil, 2009.

Juan Pablo Patiño Arévalo- **Osos Abandonados**- Colômbia, 2009.

Rithy Panh- **A imagem que falta**- Camboja e França, 2014.

Ricardo Alves e Wilyssys Wolfgang- **Caminho das águas**– Brasil, 2010.

Silvio Tandler- Milton Santos: **O mundo global visto do lado de cá**- Brasil, 2002.

Werner Herzog- **La Sofrière**- França, 1977.

Glauber Rocha- **Amazonas, Amazonas**- Brasil, 1966.